

DA MESA À CRUZ, DA CRUZ À MESA: UM ENSAIO DIALÉTICO DA TEOLOGIA EUCARÍSTICA

Pe. Dr. Antonio Sagrado Bogaz

SITUANDO A REFLEXÃO

Quando nos colocamos para celebrar a eucaristia, estamos celebrando o sacrifício ou a ceia do Senhor? Esta questão tem preocupado muito os liturgistas nos últimos anos, especialmente com a intenção de recuperar o sentido convivial da eucaristia.

Atualmente, muito se discute sobre o sentido da ação eucarística de Jesus. Podemos destacar duas tendências bem distintas: a tendência dos “convivialistas” e a tendência dos “sacrificialistas”. A partir deste momento, definem-se os dois pólos da celebração eucarística: celebrar como *convivium* – a refeição é o núcleo central da eucaristia – ou celebrar como *sacrificium* – a cruz é o núcleo teológico central da eucaristia.

Tais discussões aparecem nas primeiras comunidades cristãs, nas quais se refletiam estas duas tendências. Assim, na relação da Instituição Eucarística da igreja de Antioquia, o núcleo fundamental é a narrativa de Paulo e Lucas, enquanto na relação da igreja de Jerusalém, o núcleo fundamental é a narrativa de Marcos¹.

A narrativa de Antioquia manifesta, sobretudo, que a Instituição da Eucaristia deu-se “após a ceia”, quando Jesus tomou o cálice e o abençoou. Reflete, neste caso, o rito de um banquete religioso judaico.

A narrativa de Marcos apresenta uma forte referência à teologia sacrificial do Antigo Testamento, referindo-se ao cálice da Aliança, como uma imitação da Aliança antiga (Ex 24, 8). Nas palavras de referência: “este é o sangue da Aliança” (Mc 14, 24), realiza-se uma ponte teológica com “eis o sangue da Aliança”. Destaca-se, aqui, a referência sacrificial da Instituição da Eucaristia e, portanto, da substituição do sangue do cordeiro.

¹ GERKEN, A. *Teologia dell'Eucaristia*, Roma: Paoline, p.17.

Assim, caminhemos nestas trilhas paralelas, procurando descobrir e perceber o equilíbrio desta dupla dimensão teológica da eucaristia, tal qual se originou, evoluiu/involuiu na história da comunidade cristã celebrante, e as suas aproximações na vida eclesial de nossas comunidades contemporâneas.

As reflexões serão apresentadas de forma pendular, entrecruzando os dois aspectos do celebrar eucarístico, tentando mostrar sua complexidade e suas tendências nos diversos momentos da vida litúrgica da igreja.

I - BUSCANDO RAÍZES TERMINOLÓGICAS

Durante todo o percurso desta reflexão, tomaremos como título básico desta instituição bíblica o termo “celebração eucarística”, sem perder a referência plural desta denominação. Em vários momentos da história a “celebração eucarística” recebeu diversos títulos e, mesmo dentro de um único título, estiveram sempre presentes várias tendências teológicas.

Podemos afirmar que a liturgia e a teologia da “celebração eucarística” recebem o significado doutrinal da própria teologia litúrgica da comunidade eclesial, que se expressa em cada momento no seu magistério, na tradição viva e sobretudo na vivência religiosa do povo.

Os nomes presentes, com os quais aparece denominada a celebração eucarística, certamente revelam os pluri-aspectos de sua compreensão. Mas antes de tudo, temos que admitir que manifestam a preferência teológica da confissão destes elementos místéricos dentro da eucaristia.

A celebração eucarística traz em seu âmago uma realidade complexa da doutrina cristã católica. Os títulos dados a esta realidade escondem e desvelam seu significado mais profundo.

Os principais títulos da celebração eucarística a partir das narrativas neotestamentárias e da tradição cristã, são:

a. Ceia do Senhor (1Cor 11, 20-23): este título reflete uma reunião de amigos ao redor do Senhor, compondo uma comunidade reunida com o seu “líder espiritual” e com ele partilhando os bens da mesa, como forma de comunhão entre seus vários componentes.

b. Fração do Pão (Lc 24, 35; At 2, 42.46; 20, 7; 27, 35): esta terminologia tem uma conotação de partilha e de convívio, dando uma conotação também social de partilha, incidindo sobretudo na visão de convívio comunitário, preocupando-se também com os ausentes. Esta visão da “celebração eucarística” é mais acentuadamente comensal e manifesta os valores da *berakah* celebrada pelos hebreus, como oração de ação de graças a Deus por seus benefícios para a comunidade e, por causa disso, a partilha dos bens”.

c. Ação de Graças: Para além dos textos bíblicos, podemos assumir o testemunho da Didaqué², que apresenta a “celebração eucarística”, de fato como a ceia de ação de graças a Deus. Neste testemunho patrístico, Jesus dá graças ao Pai pelo pão e faz o mesmo com a taça de vinho. As duas espécies apresentadas na ceia comunitária representam os bens recebidos da gratuidade divina, pelos quais, em nome de todos, Jesus rende graças ao Pai.

d. Sacramentum: Em textos posteriores, notamos uma transformação do significado básico da “celebração eucarística”. Os elementos da ceia, quer sejam o pão e o vinho, vão aparecendo com valor sacramental, destacando o significado representativo da presença do Senhor no seio da comunidade. A realização da ceia vai evoluindo sua significação e as espécies utilizadas para o culto passam a tomar valor significante: por meio deles, a comunidade sente a presença viva do Senhor, tornando-se as espécies forma privilegiada de entrar em comunhão com Jesus Cristo. Os padres apostólicos e os padres Apologetas, nos séculos primitivos da fé cristã ressaltam a convicção da comunidade, ou seja: que Jesus Cristo se faz presente na partilha do pão e do vinho, na ceia do Senhor³.

² Didaqué ou Doutrina dos Doze Apóstolos para os cristãos é um texto escrito por volta do ano 90-100, na região da Síria e apresenta os ensinamentos doutrinários, morais e litúrgicos para a comunidade primitiva. É um manual de instrução que orienta as comunidades nascentes na sua organização e na divisão das tarefas. Cf. DIDAQUÉ. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*, São Paulo: Paulus, IX (A celebração eucarística), p. 21.

³ Podemos confrontar os seguintes textos: Nos ensinamentos de Inácio de Antioquia: “Esforçai-vos para vos reunir mais freqüentemente para agradecer (realizar a eucaristia) e louvar a Deus” (in: INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Epístola aos Hebreus*, n. 13) e à comunidade de Esmirna: “Eles se afastam da Eucaristia e da oração, porque não professam que a eucaristia é a carne de nosso Senhor Jesus Cristo, que sofreu por nossos pecados e que, na sua bondade, o Pai ressuscitou” (in: INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Epístola aos cristãos de Esmirna*, n. 7). A teologia da comunhão com Jesus Cristo, na participação de sua ceia, encontra ainda fundamento nos textos de Justino de Roma: “Este alimento se chama entre nós Eucaristia, da qual ninguém pode participar, a não ser que creia serem verdadeiros nossos ensinamentos e se lavou no banho que traz a remissão dos pecados e a regeneração e vive conforme o que Cristo nos ensinou. De fato, não tomamos estas coisas como pão comum ou bebida ordinária, mas da maneira como Jesus Cristo, nosso Salvador, feito carne por força do Verbo de Deus, teve carne e sangue por nossa salvação...é a carne e o sangue daquele mesmo Jesus encarnado”(in: JUSTINO DE ROMA. *Apologia I*, n. 66). Em Hipólito de Roma, podemos encontrar: “...dê graças sobre o pão, para representação do corpo de Cristo e sobre o cálice de vinho preparado, para imagem do Sangue que foi derramado por amor de todos os que creem nele” (in: HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, Petrópolis: Vozes, 1971, n.55, p. 56). Estes textos revelam a convicção destes padres da Igreja na presença absoluta de Jesus Cristo nas espécies da ceia comunitária. A refeição faz memória e presentifica o próprio Senhor no seio da comunidade.

e. **Sacrificium:** Os textos de Agostinho de Hipona e de Leão Magno⁴ revelam um aspecto mais ritualístico, voltado para a oferenda sacrificial, realizada por um ministro sagrado. A partir desta compreensão, destaca-se sempre mais o elemento de oferenda a Deus de um sacrifício em favor do povo. Deste modo, o povo é o receptor desta mensagem e sua participação é passiva, pois é o agraciado por um serviço religioso, realizado por uma casta sacerdotal, destacada pela comunidade e consagrada pela Igreja para realizar tal missão.

A partir desse momento, a significação cultural assume as dimensões sacrificiárias dos cultos pagãos ou veterotestamentários, em favor do povo, para a expiação de seus pecados. Esta terminologia vai criando raízes e se expandindo para toda a Igreja cristã, oriental e ocidental, criando toda referência teológica de sustentação e tornando a celebração eucarística um ato sacerdotal, que é realizado em favor do povo. O Povo recebe tal ação como uma graça de Deus que se dá em Jesus Cristo, através dos ministros consagrados, passando a ter exclusividade para a realização desta missão sacerdotal em favor do povo.

Não podemos deixar de notar uma certa involução regressiva na compreensão terminológica quando o termo “missa”, que no século IV indicava apenas a despedida dos fiéis e dos catecúmenos, torna-se a expressão para significar o todo da celebração eucarística, como temos atualmente. Ambrósio de Milão e Etéria⁵ já apresentam este termo como representação da Ceia do Senhor como um todo.

Não podemos desconsiderar também que, apesar da teologia sacrificial, visando a eficácia e o sentido transubstancial, a Eucaristia mantém ainda os elementos essenciais da oração da mesa dos rituais hebraicos.

⁴ Agostinho escreve na sua obra, quando fala do verdadeiro e perfeito sacrifício: “...é este o sacrifício dos cristãos: ‘unidos a Cristo formamos um só corpo’. Este é o sacramento do altar, tão conhecido dos fiéis, que a Igreja celebra assiduamente, e no qual se manifesta a si como oferecida, naquilo mesmo que oferece”. (in: Agostinho de Hipona. *A cidade de Deus*, liv. X, c.5). O texto de Leão Magno expressa a oferenda de Jesus Cristo realizada na celebração eucarística, como sacramento da oferta de Jesus ao Pai, em favor da humanidade (in Ep.11).

⁵ Ambrósio de Milão (Ep.20) e Peregrinação de Etéria, n. 43: “...depois disso (leitura dos Atos dos Apóstolos) se celebra regularmente a missa. Se faz a oferta e despede o povo” (in: ETÉRIA. *Peregrinação de Etéria*, Petrópolis: Vozes, 1971).

II - DUAS TRILHAS HISTÓRICAS

A ritualidade fundamental da “celebração eucarística” está no mandato do Senhor que ordena a seus discípulos – e estes testemunham às suas comunidades – para realizar o gesto da “bênção do pão e do vinho” em sua memória. Este gesto de Jesus vai ser repetido pelas comunidades, como uma forma de tornar presente o Senhor ressuscitado em seu meio. A própria comunidade necessita realizar este gesto, pois é através dele que o Senhor entra em comunhão com todos. Através de seu gesto, realizado pouco antes de morrer, a comunidade o experimenta e vive a ceia, tornando-o, de alguma forma, presente e vivo. Fazer a ceia em memória do Senhor é um mandato que vai assumir uma ritualidade litúrgica e espiritual, marcando a vida dos primeiros cristãos e integrando sua espiritualidade.

Na primeira trilha histórica, a liturgia eucarística está, originalmente, desprendida dos aspectos sacrificiais, pois sua realização não acontece em altares e em templos. Não apenas porque a comunidade cristã simplesmente não os possuía, mas porque não eram requeridos como elementos essenciais para a celebração da, então denominada, ceia do Senhor. Neste momento, o encontro dos primeiros cristãos ocorria dentro da ritualidade de um banquete de família. Reuniam-se para realizar o mandato do Senhor, que lhes pedira a realização do banquete em sua memória. Assim, a celebração deste banquete familiar tinha sobretudo a função de tornar presente o Senhor Jesus Cristo. Realizar a ceia significava realizar o ritual de fazer memória e recordar aquela ceia realizada antes da morte de Jesus e revivificar sua presença na comunidade.

Deve-se ressaltar que esta ceia fraternal tinha um cunho natural do “comer junto”, mas era realizada dentro de uma ritualidade particular, em vista de uma presentificação memorial do Senhor.

Nessa concepção original, estão ausentes os templos particulares e seus altares, bem como é ausente a imagem do “ministro sacerdote”, condição indispensável para a realização do sacrifício cultural⁶.

Na segunda trilha da concepção da celebração eucarística, encontramos a presença da teologia sacrificial, onde a imagem do Senhor assume e substitui a imagem do cordeiro do sacrifício, presente em tal celebração.

⁶ Cf. MINUCIUS FELIX, *Octavius*. 32, 1 e TERTULIANO. *De Espect.*, 13.

O primeiro fato que testemunha a formação da ideologia sacrificial, substituindo o ritual de ceia familiar, é o desaparecimento paulatino da refeição que existia originalmente, entre a ação de graças sobre o pão e a ação de graças sobre o vinho e que ocorria no final da ceia judaica. Esta teologia da “consagração do pão” se apresenta no relato do ritual eucarístico de Hipólito de Roma⁷.

Com o desaparecimento da dimensão comunitária, começa a aparecer o aspecto sacrificial da celebração eucarística, que vai sobrepor-se ao aspecto convivial. O acento passa a ser sobre os efeitos da celebração, em detrimento da causa. Começa-se a desenvolver uma especulação sobre o que ocorre com a realização da “bênção” do pão e do vinho. Assim, começa-se a especular sobre os efeitos espirituais da ação de Jesus Cristo na última ceia com seus discípulos. Esta teologia vai ser de maneira mais profunda desenvolvida na elaboração teológica posterior ao período dos mártires. Após as perseguições, passa a ser desenvolvida a imagem de Cristo-mártir, que se oferece na “celebração eucarística”, como modelo aos homens, mulheres e crianças que morreram mártires nas perseguições cruéis. Estes mártires cristãos eram a concretização histórica da doação de Jesus Cristo, que ofertou a sua vida, como oferenda ao Pai, em favor de toda a humanidade, tornando-se ícone do sacrifício do cordeiro que era oferecido sobre o altar. Muito cedo, o evento da “última ceia” vai encontrar suas motivações teológicas e litúrgicas no acontecimento da cruz.

Os próprios textos da realização da ceia vão testemunhar esta passagem da ceia, enquanto “convívio fraterno”, para a oferenda sacrificial de Jesus em favor da humanidade⁸. Realizar o “evento da última ceia” passa a significar um ritual de memória do sacrifício de Jesus, que se oferta ao Pai, como sacerdote e como vítima da Nova Aliança. Compreender essa coalisão com o “sacrifício expiatório” favoreceu apenas uma aproximação cultural dos eventos teológicos judaico-cristãos.

⁷ Eis o texto para consulta e melhor compreensão: “... que cumprindo a tua vontade, e obtendo para si um povo santo, ergueu as mãos enquanto sofria para salvar do sofrimento os que confiaram em ti. Que enquanto era entregue à voluntária paixão para destruir a morte ...tomou o pão e deu graças a ti dizendo: Tomai e comei, isto é meu corpo, que por vós será destruído” (in: *Tradição Apostólica*, Petrópolis: Vozes, 1971, n.14).

⁸ Remetemos ainda a dois textos que podem aprofundar esta dimensão de oferenda sacrificial para a redenção da humanidade: DIDAQUÉ, 9-10 e CLEMENTE ROMANO. *Carta aos Coríntios*, 59-61.

III - AQUELE GRUPO DE JUDEUS

Podemos voltar no tempo, como se tentássemos recuperar, como num velho alfarrábio, uma história que se passou numa fatídica semana, antes que acontecessem o processo, a condenação e a morte de um homem da cidade de Nazaré.

Naquela semana, este grupo de homens e mulheres da comunidade judaica, liderados por Jesus, o filho de Maria e de José, resolvem fazer uma refeição juntos. Fora desejada pelo mestre. O mestre pedira para que tudo fosse preparado, conforme os costumes de sua gente, e no melhor estilo. Deveria ser um banquete bonito e marcante, um banquete que “fabricasse recordações”. Foi numa ceia judaica, a ceia comum da semana pascal do povo hebraico.

Podemos dizer que esta despedida se deu numa ceia cultural, denominada *kabaurá*, que era uma refeição típica entre amigos. Ali, Jesus quer consagrar sua amizade, seu amor e sua doação para com seus amigos. Como uma refeição de confraternização, que se realiza antes de uma grande despedida. Uma ceia que consagrasse os tempos vividos juntos e que selasse, simbolicamente, a pertença espiritual e afetivo de todos os componentes do grupo. Uma confirmação do discipulado. Toda vez que se repetisse a ceia, este discipulado tornaria presente a memória do Mestre-amigo.

Nesta ceia, um momento de convívio entre todos, de conversas e troca de afeto, Jesus realizou com eles o ritual próprio da ceia judaica: a ablução ritual, as quatro bênçãos (*berakáh*)⁹ e a bênção sobre o pão e o vinho, que seriam partidos e repartidos simultaneamente.

Numa ordem cronológica, Jesus, como Mestre e Senhor, apresentou o pão, bendisse a Deus por este dom, apresentou seu louvor e a ação de graças. Realizou o mesmo com o cálice, provavelmente de forma dialogal, como ocorre atualmente nas celebrações eucarísticas¹⁰.

A bênção a Deus-Javé se dá recordando seus grandes feitos, resumidos na criação, na aliança e na libertação. Esta ceia tem um fundo religioso, pois se apresenta como dom de Deus. Uma ceia simples e comum, mas com entonação ritualística e espiritual. Esta ceia se insere num rito de ação de graças, de

⁹ A *berakáh* na tradição rabínica tem dois sentidos: primeiramente, o louvor a Deus, permitida a todos os fiéis, como oração universal; em segundo lugar, como bênção sacerdotal de Aarão, reservada ao sacerdote. Em ambos os casos, refere-se sempre a uma oração de louvor a Deus. Seu estribilho básico é: “Bendito és tu, Iahweh”. (in VERHEUL, A. *A estrutura fundamental da Eucaristia*, São Paulo: Paulinas, 1982).
¹⁰ VERHEUL, A. *A estrutura fundamental da Eucaristia*, São Paulo: Paulinas, 1982.

bênção e de louvor. Mas, foi mesmo numa ceia cultural judaica, que ocorria em muitas ocasiões da vida familiar e comunitária da gente judaica, ou talvez foi numa ceia pascal? Eram próximas as festas pascais, e na noite anterior ao grande sábado, as famílias se reunindo para uma ceia pré-pascal, preparando-se para o jejum do dia anterior ao *Pessach*.

Nesta ceia se comia a erva amarga, embebida em água salgada¹¹. Este ritual, denominado *harosset* estava presente, pois se referia à fala de Jesus, acusando seu traidor como aquele que tem a mão no prato juntamente à sua (Mt 26, 23). A mão no *charosset* supõe, portanto, um ritual da *Pessach*.

Um outro elemento que manifesta esta opinião, que coloca a ação de Jesus dentro do contexto pascal, portanto, sacrificial, se refere à sua partida para o Monte das Oliveiras (Mt 26, 30; Mc 14, 26). Neste momento, eles proferem um hino que é a segunda parte do *Hallel*¹², que é o hino que conclui o *Pessach*. Este hino louva a Deus por suas obras e por sua ação na história.

A favor desta concepção, temos o testemunho do evangelista João, que revela que Jesus morreu no dia de preparação do Shabbat, referindo-se ao momento simbólico da imolação dos cordeiros pascais. Assim como os cordeiros eram imolados na véspera da grande festa de Páscoa, pois neste grande dia nenhum trabalho manual ou intelectual era permitido, muito menos a sangria de animais, Jesus é imolado neste dia, para tornar-se a Páscoa, o sacrifício predileto, o Cordeiro Pascal.

Desse modo, pode-se compreender porque Jesus realiza com antecipação a festa pascal: conforme a tradição da comunidade de Qumram, a festa era antecipada para a noite anterior à véspera do *Shabbat*. Esse costume era particular dos monges das comunidades isoladas e não em conformidade com

¹¹ O *Charosset* é feito por uma mistura de maçãs raladas, nozes moídas, vinho tinto e canela, representando a argila com os que os antepassados executavam os serviços de construção para o faraó (in Congregação Israelita Paulista. *Pessach, a celebração da liberdade*. Ritual explicativo, São Paulo: CIP, 1989).

¹² O grande *Hallel* é um hino de louvor e ação de graças, que conclui a refeição judaica do *Pessach*, procurando recordar os grandes feitos do Senhor para com seu povo: "Bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus, por todas as tuas obras; que os piedosos cumpram tua vontade, e todo o teu povo, a casa de Israel te dê graças e glória, te louve, te glorifique, te exalte, te santifique, e honre teu nome, nosso rei; porque é bom te dar graças e convém cantar teu nome, pois tu és Deus de eternidade em eternidade". Segue-se ainda o grande *Hallel*, que é o Salmo 136, que é uma bênção muito elevada e preciosa da piedade judaica.

o calendário do templo. Neste caso, se compreende também porque a ceia de Jesus com seu discipulado não tinha cordeiro como parte da refeição. Dá-se ao fato que, para a refeição vespéral ao *Pessach*, não se imolava o cordeiro. Além disso, deve-se considerar que as comunidades pobres, ou fora de Jerusalém, na diáspora, não comiam o cordeiro em sua refeição. Partilhavam apenas o pão e o vinho. Sem cordeiro, as espécies centrais passam a ser, naturalmente, o pão e o vinho. Assim, o cordeiro ausente será sublimado na pessoa do Senhor, que será levado ao matadouro, como um cordeiro, para reviver em si o mistério pascal.

Assim, se a partilha do pão se deu numa ceia ritual (*kabaurá*), o centro teológico deste evento pascal é o convívio e a partilha de dons entre os convivas. Assumindo que a bênção do pão e do vinho se deu numa ceia pascal (*pessach*), celebrada na noite vespéral à Páscoa judaica, e Jesus assume a dimensão de cordeiro do sacrifício, o centro teológico torna-se o sacrifício de expiação em favor da humanidade, uma ação sacerdotal como ato salvífico ao Pai para o bem de todo gênero humano.

IV - ASSIM ELES NOS CONTARAM

Antes de tudo, consideremos a noite fabulosa, na qual se insere o relato da "última ceia", primeira "celebração eucarística" cristã. Está dentro da centralidade da "ceia pascal judaica", que poderia ter sido celebrada em vários lugares e por seus diversos grupos de forma unitária, mas com pequenas variações, quanto aos alimentos e suas substituições, local e momentos de seus acontecimentos. Inegável que se trata de um núcleo celebrativo fundamental¹³.

Tentando compreender sempre melhor as duas trilhas da formação de teologia da "celebração eucarística", procuramos desvendar os elementos que

¹³ Segundo uma tradição judaica, esta ceia pascal judaica poderia condensar as quatro noites da história da salvação judaica, resumidas como a noite da criação, como ação primeira de Javé na história; a noite da aliança com Abraão, que se dá no mesmo dia da Páscoa e se confirma com o "pré-sacrifício" de Isaac; a noite do Êxodo pascal, com a intervenção corajosa de Deus na realidade do povo e a noite messiânica, que celebra a irrupção escatológica de Deus na história, a vinda do Messias, como selo definitivo da Aliança com a humanidade. Estas noites são simbolizadas na refeição pascal pelos quatro cálices, benzidos e divididos, como memória e atualização da presença de Deus-Javé no meio de seu povo. Cf. A. DIEZ MACHO. *Neophyti Exodo*, Madri: 1970, I, II.

estão nas entrelinhas das narrativas bíblicas da “instituição”.

A narrativa da instituição, que denominamos “última ceia”, aparece quatro vezes dentro do Novo Testamento. Por sua vez, estas quatro narrativas (Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 15-20; 1Cor 11, 23-26) aparecem agrupadas em duas tradições mais aproximativas. De um lado temos as narrativas de Mateus e Marcos e de outro as narrativas de Lucas e Paulo na sua primeira carta à comunidade de Corinto. Não obstante, deve ser observado que o contexto dos evangelhos para as narrativas é a Paixão de Jesus Cristo, enquanto o contexto paulino é a aclamação pela fraternidade na comunidade.

Deixaremos à margem da reflexão, os discursos eucarísticos de João, que se relacionam com a ceia de Jesus e seu sentido sacrificial, como o discurso do “pão da vida” (c.6), o evento do “lava-pés” (c. 13) e o discurso simbólico da “videira e dos ramos” (c. 15). Aqui, nas duas tradições supra-citadas, podemos ligeiramente encontrar as marcas originais das duas trilhas da significação teológica da “celebração eucarística”.

Assim, esboçamos já uma primeira distinção didática que nos leva a colocar as narrativas de Lucas e Paulo dentro de uma perspectiva mais de convívio comunitário, tendendo à perspectiva da fraternidade, ao passo que as narrativas de Mateus e Marcos direcionam a compreensão teológica para o evento mais sacrificial¹⁴.

As coincidências destas quatro narrativas apresentam os elementos de unidade da teologia eucarística, como podemos citar:

O contexto é de refeição, seja ele uma refeição pascal (mais visível nos evangelhos) ou numa refeição fraterna, comum entre amigos e que sela a despedida de uma pessoa querida ou antecede um grande acontecimento, como nos refere a narrativa paulina.

A traição de Judas presente nas narrativas coloca-se dentro de uma perspectiva de morte anunciada. Dentro desta refeição apresenta-se uma fatalidade: “a traição”, que expõe a dura realidade do mestre: será morto como o cordeiro pascal. A traição de Judas pode ser lida também, no sentido de ruptura da fraternidade e auto-exclusão do convívio grupal, como protótipo da “não co-

¹⁴ Muitos autores realçam as diferenças das interpretações a partir de Paulo e Lucas que contam mais narrativamente o evento da “instituição”, ao passo que Mateus e Marcos colocam o evento dentro de uma tradição litúrgica mais judaizante. Por isso, nos primeiros tempos apostólicos, dava-se, em várias comunidades, apenas uma bênção sobre o pão e o vinho, simultaneamente. Cfr. VERHEUL, A. *A estrutura fundamental da Eucaristia*, São Paulo: Paulinas, 1972, p. 73.

munhão” espiritual com sua comunidade.

Os gestos de bênçãos ritual, em sentido de ação de graças e de louvor, estão equilibradamente presentes e em todos os casos. Esse relacionamento às espécies provoca uma segunda relação, qual seja a das espécies com o seu “corpo e seu sangue”, que são ofertados no ato da oferta do pão e do vinho.

Não podemos excluir a renovação da aliança e a sua dimensão escatológica, visíveis nas expressões “nova e eterna” aliança, colocando um aspecto de passado-presente e futuro nos seus gestos.

Das diferenças das narrativas, podemos compreender as duas dimensões teológicas da “celebração”. Esta compreensão se dá de forma sutil e na aproximação com outros textos. As palavras “entregue por vós”, presentes em Lucas e Paulo, bem como a confirmação da “nova aliança” apresentam uma aproximação da teologia do sacrifício, pelo qual se repete a simbologia da oferta do cordeiro, confirmando a “aliança entre Javé e seu povo”. Assim, Jesus refaz em si a nova Aliança. Para fazer a aliança, precisa-se de uma promessa, a qual vem simbolizada pela oferta do cordeiro. O cordeiro sela, com seu sangue, a aliança veterotestamentária. Jesus atualiza a aliança, criando a “nova aliança”, que é selada com seu sangue: “este é meu sangue”. Este sangue é o pré-anúncio do sangue derramado na cruz, pelo qual Jesus personifica em si o “cordeiro da aliança” e se assume como “símbolo da nova aliança”.

Por outro lado, Mateus e Marcos aproximam a oferta do “pão e do vinho” como elementos de uma refeição através dos quais Jesus bendiz a Deus (*eulogesas*). A bênção aproxima a oferta de Jesus e, mais particularmente, a oferta do pão ao símbolo da refeição convivial. Os demais aspectos da ceia, como por exemplo, a expressão “entregue por vós”, “meu corpo” e “meu sangue” referem-se aos aspectos sacrificiais, em que Jesus se faz a oferenda da humanidade ao Pai.

Não podemos desconsiderar, porém, que a expressão “ação de graças” aparece em Mateus e Marcos como a solene bênção que o pai de família pronunciava sobre o terceiro cálice, talho ritual que nos leva ao encontro de uma refeição familiar, no qual o mais importante é tornar presente a comunidade (no caso judaico, a familiar), que se reúne ao redor de uma memória. No caso dos cristãos, a memória do Senhor.

Tendencialmente ao ritual sacrificial, aparecem as expressões “meu sangue da nova aliança”, que é tipicamente ligado ao ritual sacrificial, com uma estreita relação com a vida da comunidade e sua divindade. Nesta expressão, aparece uma aproximação ritual com o sacrifício do Sinai (Ex 24, 8), no qual

o sangue dos animais sela uma aliança entre Javé e seu povo. Não foi difícil para a comunidade cristã unir os elementos dos sinais com esta expressão da última ceia. E desta expressão da última ceia – “meu sangue derramado por vós” – passou-se a uma estreita relação com o sangue derramado, fatidicamente por Cristo na cruz.

Os textos bíblicos, tal como são expressos nas narrativas neotestamentárias e suas relações com os textos veterotestamentários, assomados à cultura, antropologia e liturgia judaicas, nos levam a caminhar, embora não harmonicamente, nestas trilhas da refeição convivial e da teologia sacrificial, balançando-nos, como num pêndulo, entre estas duas convergências. Com certeza, a compreensão da teologia da “celebração eucarística” se dá a partir da análise dos elementos da cultura judaica e da antropologia religiosa dos povos semitas (como se poderia analisar outras religiões analógicas)¹⁵.

Podemos colher o testemunho de alimento e fraternidade como numa grande festa que se repete através de um memorial, bem como podemos colher os elementos de sacrifício e expiação, presentificados através de um ritual. Esta continuidade/descontinuidade nos coloca diante de um dilema teológico de difícil lapidação e, com certeza, não monocromático.

V - TENTANDO ENTRAR NA CABEÇA DE JESUS

Analisemos os fatos, as frases, a relatividade das palavras e as correlações dos eventos, tentando descobrir um pouco o que pode ter acontecido naquela noite da “primeira celebração eucarística cristã”. Temos que confiar nos narradores bíblicos, os três evangelistas e Paulo, aceitando que, para além da própria personalização das narrativas, houve uma fidelidade aos fatos, transmitindo como viram e ouviram.

Sem um pouco de poesia e de fantasia, não podemos aprofundar a questão. Tentemos assim penetrar dentro da consciência de Jesus, querendo compreender a sua intencionalidade. Qual teria sido a intenção de Jesus ao realizar uma ação ritual histórica, mas trazendo notas inovadoras consideráveis?

¹⁵ ALDAZABAL, J. A Eucaristia, in: AAVV. *A celebração da Igreja* (Sacramentos). São Paulo: Loyola, p.166.

No culto ritual denominado “ceia familiar” (*kabaurá*) Jesus toma as espécies comuns - ausente o cordeiro, como já vimos, também por questões sociais - e pronuncia sobre elas uma expressão muito forte: “este é meu corpo”, disse tomando o pão. E tomando em suas mãos o cálice, disse: “este é meu sangue”.

Podemos considerar todos os preparativos anteriores (Mt 26, 17-19; Mc 14, 12-16; Lc 22, 7-13) e notar que Jesus se insere numa refeição e a refeição não é sacrificial, mas convivial. Se o tempo destes fatos está no primeiro dia (Mt e Mc) ou no dia dos pães ázimos (Lc), não toca muita diferença, uma vez que somos lançados necessariamente para o ambiente da ceia, que é explicitado, particularmente, na narrativa lucana: “desejei ardentemente comer esta ceia” (Lc 22, 15).

O horário coloca ainda o ambiente da ceia em relevo, pois quer seja “ao cair da tarde”(Mt 26, 20; Mc 14, 17), quer seja na noite de sua traição por Judas (1Cor 11, 23b; Jo 13, 30), estamos próximos do ritual do Pessach. E sempre se recorda das bênçãos judaicas do *Mishmá* (VI, 1) e *Toseftá* (IV, 8).

No entanto, teríamos que perguntar a Jesus a sua intencionalidade ao afirmar serem o pão e o vinho seu corpo e seu sangue, para a remissão dos pecados, que nos relança ao ritual de expiação. Dá-se, explicitamente - não quer dizer implicitamente - uma personificação da oferenda. Neste sentido, o pão e o vinho tornam-se sinais proféticos da morte sacrificial de Cristo e de seu mistério pascal¹⁶. Não se trata de fazer a apologia do aspecto consecratório, gerado pela teologia da transubstanciação, que se desenvolve mormente a partir do século IV, mas do caráter de personificação simbólica do sacrifício do cordeiro, realizado perenemente na ação de Jesus Cristo na última ceia, que vai se tornar o núcleo central da “celebração eucarística” dentro da fé cristã. Desta passagem, se dá a relação com o cordeiro pascal. Trata-se de uma aproximação que tem por fonte a vinculação lingüística: palavras coincidentes que aproximam fatos paralelos. Houve, por assim dizer, um seqüestro teológico do evento da cruz, por parte do evento da ceia de Jesus com seus discípulos.

As expressões “meu corpo” e “meu sangue derramado” levaram a uma aproximação posterior do tipo: “sou eu”. Assim, comer o pão quer dizer alimentar-se do próprio Jesus. Não se trata aqui de defender o “fiscismo” eucarístico, que é, com certeza, uma deturpação pieguista da própria compreensão da “celebração eucarística” e do ato de comunhão eucarística.

¹⁶ LUTZ, G. A Eucaristia, memória do sacrifício de Jesus, in: *Revista de Liturgia*, São Paulo: 1987, n. 84, p. 4.

Na outra trilha, Jesus quer apenas fazer uma ceia, de forma celebrativa e comemorativa. Ele se senta à mesa, partilha as conversas, partilha as pequenas histórias, partilha as utopias, os ideais, comunga o seu espírito vivo como mestre com seus discípulos e elabora, simbolicamente, um ritual-souvenir. Um souvenir atualizante e revivificante de sua pessoa com seus discípulos que se encontram “no partir do pão e na partilha do vinho”. Relembramos que o cordeiro não está presente nesta ceia, como alimento a ser repartido, como acontece no sacrifício de expiação. Trata-se de um fazer memória, pois o pão e o vinho rememoram o êxodo, como uma experiência amarga e alegre.

Jesus quer resumir o evento da história da salvação, simbolizando-o numa refeição, onde se torna o núcleo desta história e o eixo da memória desta “aliança” que n’Ele se inaugura. Para tanto, basta refundir no ritual da ceia memorial o seu espírito messiânico, para que seja revivido a cada nova ceia, celebrada em sua memória.

Fazer refeição em nome de Jesus - memória atualizada - tem o significado de partilhar seu projeto e sua própria vida (1Cor 11, 25; Lc 22, 19) dentro de elementos reconhecidos pela ritualidade judaica. Trata-se de uma refeição, onde a fraternidade e a solidariedade, ou melhor, os dons do Reino se fazem presentes. Em se tratando de Jesus, que se anuncia como reino, trata-se de presentificá-lo sistematicamente por meio de uma ritualidade: pão e vinho. Estão unidas à *beraká* (bênção a Javé) e a comunhão (união com a humanidade). O ligamento desta enlace acontece em Jesus.

As bênçãos compõem o núcleo espiritual das liturgias domésticas. Toda alegria e gozo dos bens (comer, beber, festejar) e mesmo os fatos tristes e de penitência (derrotas, sofrimento, pecado) são precedidos, ritualmente, por bênçãos. Assim, temos bênçãos nas refeições (como no *Shabbat*- “bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus”) como no casamento, na circuncisão e nos enterros. Assim, a bênção ritualiza e dá o sentido espiritual à ceia de Jesus, mestre, e seus apóstolos. A oferta de Jesus se dá numa ceia convivial. A ceia é, portanto, o convívio onde se dá a oferta de Jesus.

TIRANDO ALGUMAS CONCLUSÕES

O ritual principal celebrado em nossa comunidade cristã e vivenciado em nossas comunidades é a celebração da eucaristia. Um acontecimento muito importante e profundamente estudado e visitado em suas várias interpretações. Tão verdadeiro é este fato, que podemos constatar que normalmente os

estudos de teologia sacramentária, enquanto dedicam um volume apenas para os demais sacramentos, que são considerados muito importantes na construção da comunidade, dedicam um volume exclusivo para o sacramento da Eucaristia. A celebração eucarística é o ponto central da vivência sacramental de nossas comunidades, especialmente se inserida na dinâmica da iniciação cristã.

Afinal, o sacramento da Eucaristia é mais que um símbolo, é a celebração da própria vida. Marca a vida da comunidade em comunhão com Jesus Cristo, assinala a vida cheia de tensões, de polaridades, de complementações. Neste sacramento, dá-se o equilíbrio fundamental entre a fé e a vida, entre a participação humana e a graça divina, entre a oferta e a gratuidade. Trata-se, como podemos constatar por suas origens e por sua teologia, de ação de graças, comunhão, comemoração, *sacrificium-offerta*, mistério e modelo de solidariedade.

A celebração eucarística manifesta vários aspectos, como eclesial, bíblico, comunitário, dogmático e místico. Todos estes aspectos procuram complementar a significação mais profunda do mistério celebrado nas espécies do pão e do vinho.

Partindo do caráter memorial da ceia do Senhor (*Hallel* ou *Pessach*, como vimos), passando por sua dimensão comunitária de partilha, tocando o caráter de oferta sacrificial, desvelando seu aspecto fundamental de ação de graças ao Pai, pelo Filho no Espírito Santo, e atingindo seu aspecto libertador, como profecia de uma sociedade fraterna e igualitária, a celebração eucarística nos leva a aprofundar o sentido de nossas vidas e a construção do Reino de Deus na história, a partir da autodoação do autor da vida, em resgate da vida humana.

O celebrar representa uma volta do exílio, a conquista da terra, a construção da paz, a conquista da justiça, o encontro da terra prometida. Terra prometida quer dizer fraternidade entre os povos, igualdade entre os grupos sociais, valorização das minorias culturais e étnicas, dignificação do feminino e respeito às ordens ecológicas. Assim, o projeto eucarístico celebrado coerentemente, é a chave de interpretação da história que abre opções concretas de transformação do mundo. Sem justiça e igualdade toda eucaristia é imperfeita e deve ser revitalizada.

A celebração eucarística, em sua participação e vivência é a graça de Deus no mundo, tornando-se o reflexo da experiência viva de nossas comunidades no projeto do Reino de Deus, além de manifestar o rosto mais autêntico da comunidade eclesial.

Participar autenticamente da Ceia Eucarística é fato revelador de um solidarismo cristão para com a humanidade, além de manifestar a veracidade do cristianismo e das nossas liturgias inseridas no seio da Igreja e no coração da História.

Alguns textos bibliográficos:

- HADDAD, A. Partir o pão entre ritos e desafios. *Revista de Liturgia*, n.84, 1987, p. 31-33.
- LIMA JUNIOR, J. A Eucaristia hoje. *Revista de Liturgia*, n. 40, 1980, pp. 22-24.
- PAOLI, A. *Fraternidade no mundo*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- VERHEUL, A. *A estrutura fundamental da Eucaristia*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- VON ALLMEN, J.J. *Estudo sobre a ceia do Senhor*. São Paulo: Duas Cidades, 1968.
- GERKEN, A. *Teologia dell'Eucaristia*, Torino: Duas Cidades, 1977.
- FORTE, B. *Introdução aos sacramentos*. São Paulo: Paulus, 1996.
- DUCHESNEAU, C. *A celebração na vida cristã*. São Paulo: Paulus, 1977.
- RYAN, V. *O domingo, história, espiritualidade, celebração*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ORBE, A. *Introducción a la Teologia de los siglos II E III*, (tomos I e II), Roma: PUG, 1987.
- LUTZ, G. A Eucaristia, memória do sacrifício de Jesus. *Revista de Liturgia*, n. 84, 1987, p. 2-8.
- NOCENT, A. *La messa prima e dopo San Pio V*. Piemme, 1985.
- BÉKÉS, G. *Eucaristia e chiesa – ricerca dell'unità nel dialogo ecumenico*. Piemme, 1985.
- FOUREZ, G. *Os sacramentos celebram a vida*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MARSILI, S. *Eucarista, Teologia e História da Celebração*. São Paulo: Paulinas, col. Anamnesis, 3., 1985.
- LATOURELLE R., FISICHELLA, R. *Dicionário de Teologia fundamental*. Petrópolis-Aparecida: Vozes-Santuário, 1994.
- ROSSANO, P. & RAVASI, G. GIRLANDA, A. *Nuovo dizionario de Teologia Biblica*, Roma: Paoline, 1988.

Documentos patrísticos:

- Santo Ambrosio. *Os sacramentos*, Torinense: 1980.
- Cirillo de Jerusalém. *A catequese aos mistérios*: Città Nuova, 1983.

Didaqué. *O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje*.

São Paulo: Paulus, 1989

Hipólito de Roma. *Tradição Apostólica*, Petrópolis: Vozes, 1971.

Carta a Diogneto. Petrópolis: Vozes, 1984.

Etéria. *Diario de Viagem*. São Paulo: Paulinas, 1979

PATRÍSTICA – *Coleção Paulus*: Padres Apostólicos, Padres Apologistas, Justino de Roma, O livre Arbítrio de Agostinho e a Trindade de Agostinho. São Paulo: Paulus, 1994-1995.

FOLCH GOMES, C. *Antologia dos santos Padres*. São Paulo: Paulinas, 1979.

HAMMAN. A. *Os padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1977.

Pe. Antonio Sagrado Bogaz é Doutor em Liturgia e Sacramentos pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo, Roma e professor da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo – SP.